

RODA DE CONVERSA COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA MUNICIPAL PARQUE AMAZÔNIA

Leandro Dias Almeida¹; Luana Dayane do Rosário Ferreira¹;
Natália Alves Marques¹; Paulo Henrique Barros de Lima¹;
Maria do Socorro Castelo Branco de Oliveira Bastos²

¹Ensino Médio Completo, ²Doutorado
Universidade Federal do Pará (UFPA)
leandrodias000@gmail.com

Introdução: A roda de conversa é uma prática educativa baseada no diálogo mais próximo entre o educador e seus alunos, permitindo uma transmissão mais efetiva de conhecimento. Tal método visa a construção da autonomia dos alunos por meio da discussão de problemas, da troca de informações e da reflexão voltada para a mudança de atitudes¹. No campo da saúde, as metodologias participativas de educação são aplicadas com frequência nas ações de promoção e prevenção, aumentando a disseminação de práticas de cuidado entre a população². Em vista disso, a roda de conversa foi o método escolhido para ser aplicado no presente projeto de extensão, o qual foi desenvolvido no módulo Atenção Integral à Saúde III do curso de Medicina da Universidade Federal do Pará. O local de realização do projeto foi a Escola Municipal Parque Amazônia, situada no território adscrito à USF Parque Amazônia, no bairro da Terra Firme, Belém-PA. Na concepção do projeto, levantaram-se os problemas mais relevantes da área em questão, chegando-se ao consenso de que a problemática do consumo de água não tratada merecia maior atenção. Com base nas fichas de cadastro domiciliar da USF Parque Amazônia, constatou-se que a maior parte da população consome água potencialmente contaminada. Sendo assim, decidiu-se realizar ações educativas sobre o tema, abordando o conceito de água potável, os principais métodos de tratamento de água e os riscos que a água contaminada pode trazer à saúde, utilizando para isso o método de rodas de conversa com alunos do 5º ano do ensino fundamental. **Objetivos:** Avaliar a eficiência da roda de conversa como estratégia de educação em saúde na Escola Municipal Parque Amazônia. **Métodos:** O projeto de intervenção foi construído com base no método de Planejamento Estratégico Situacional (PES)³ e teve natureza transversal, analítica e quantitativa. O grupo amostral foi composto por 45 estudantes de ambos os sexos, dentro da faixa etária de 10 a 13 anos, matriculados no 5º ano escolar do ensino fundamental, no turno da manhã. Para a avaliação dos alunos, optou-se pelo uso de dois questionários avaliativos e da roda de conversa como ferramentas de educação em saúde, abordando a importância do consumo de água potável. A princípio, antes de se expor qualquer informação sobre o tema, aplicou-se o primeiro questionário avaliativo, constituído por 5 questões objetivas. Com o primeiro questionário, pretendeu-se averiguar o nível de conhecimento prévio dos alunos sobre o tema e levantar informações sobre as fontes de água e métodos de tratamento mais utilizados por eles. Em seguida, os alunos foram distribuídos em grupos de 3 a 4 integrantes para dar início às rodas de conversa. As rodas seguiram um roteiro de apresentação, constituído por: definição de água potável, principais métodos de tratamento da água (filtração, fervura, hipoclorito de sódio e desinfecção solar da água) e doenças causadas pelo consumo de água não potável, com destaque para a diarreia. Como recurso visual para a exposição do tema, foi utilizada uma apresentação de slides no programa PowerPoint, a qual foi projetada no quadro magnético da sala de aula. Após a dinâmica, foi entregue aos alunos um segundo questionário composto por 6 perguntas, 5 objetivas e 1 com frases a completar, para avaliar o conhecimento adquirido durante a exposição e discussão. No final da

atividade, entregou-se para cada aluno participante um folder do Ministério da Saúde com explicações e imagens ilustrativas sobre cuidados com a água para consumo humano. **Resultados e Discussão:** Os resultados foram analisados a partir da comparação das respostas do primeiro questionário, feito antes das rodas de conversa, com o segundo questionário, aplicado por último. Dos 45 alunos avaliados, 84,4% demonstraram ter conhecimento prévio do conceito de água potável; 8,9% aprenderam o conceito após a dinâmica realizada em sala e 6,7% não aprenderam. Quando interrogados sobre a origem da água que bebem, 77,8% afirmaram usar garrações de água mineral, sem tratamento adicional; 6,7% bebem água da torneira; 6,7% bebem água do poço; 4,4% da chuva e os 4,4% restantes consomem água de outras fontes, como nascentes de rios. Pode-se inferir que o alto consumo de água engarrafada é reflexo da incapacidade do sistema de abastecimento geral em oferecer água potável à população. Os resultados mostram que 22,2% dos alunos consomem água de fontes que possuem risco de contaminação aumentado⁴, o que requer tratamento mais cuidadoso antes do consumo. Porém, vale ressaltar que mesmo o consumo de água mineral exige cuidados, pois existem empresas que funcionam sem licenciamento da Vigilância Sanitária e fornecem água de má qualidade à população. Além disso, aconselha-se fazer uma higienização adequada dos garrações antes da abertura e desinfecção periódica dos bebedouros com hipoclorito de sódio. Nas questões referentes aos conhecimentos prévios sobre métodos de tratamento de água, a maioria dos alunos conhecia a filtração (86,7%), sendo este também o método mais utilizado em suas casas (15,3%). Os métodos de fervura e adição de hipoclorito eram conhecidos por 31,1% e 13,3% dos alunos, mas utilizados por apenas 1,5% e 0,5%, respectivamente. Questionados acerca dos malefícios da água não tratada à saúde, 75,6% dos alunos demonstraram ter consciência dos malefícios; 71,1% acreditam que já ficaram doentes por terem bebido água contaminada; e 82,2% aprenderam que a diarreia é uma das principais doenças causadas pelo consumo de água não potável. Entretanto, notou-se que poucos alunos tinham consciência da importância de métodos como fervura e hipoclorito de sódio para eliminação de agentes patogênicos da água. Repassar esse conhecimento aos alunos é indispensável, afinal, as crianças moradoras de áreas periféricas, principalmente na Região Amazônica, estão mais suscetíveis a parasitoses e quadros diarreicos devido às baixas condições de saneamento⁵. Após a dinâmica com rodas de conversa, obtiveram-se resultados satisfatórios: 71,1% dos alunos aprenderam detalhes sobre o procedimento de fervura da água; 77,8% aprenderam o que é hipoclorito de sódio e 88,9% sobre como usá-lo; 91,1% aprenderam o que é desinfecção solar da água e 88,9% aprenderam como é feito o método. Finalmente, 91,8% dos alunos afirmaram que pretendem ensinar a seus pais e/ou familiares sobre o tratamento de água, demonstrando assim a importância da educação em saúde como instrumento de conscientização da população. **Conclusão:** Com a aplicação do método de rodas de conversa, utilização de recursos visuais e explicação oral, houve aprendizagem significativa dos estudantes em relação aos temas “água potável”, “métodos de tratamento da água” e “doenças transmitidas pelo consumo de água contaminada”. Os resultados reforçam a eficácia do método de roda de conversa, o qual representa uma estratégia útil para a educação em saúde e foi aplicado com sucesso neste projeto.

Referências:

1. Santos MGS, Farago AC. O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*. 2015;2(1):112-133.

2. Sampaio J, Santos GC, Agostini M, Salvador, A. D. S. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*. 2014;18 Suppl 2:1299-1311.
3. Artmann E. O planejamento estratégico situacional no nível local: um instrumento a favor da visão multissetorial. *Cadernos da Oficina Social*. 2000;3:98-119.
4. Sá LLCD, Jesus IMD, Santos ECO, Vale ER, Loureiro ECB, Sá EVD. Qualidade microbiológica da água para consumo humano em duas áreas contempladas com intervenções de saneamento-Belém do Pará, Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 2005;14(3):171-180.
5. Santos FSD, Gama ASM, Fernandes AB, Junior JDDR, Guimarães J. Prevalência de enteroparasitismo em crianças de comunidades ribeirinhas do Município de Coari, no médio Solimões, Amazonas, Brasil. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*. 2010;1(4):23-28.